

JORNAL: O Globo LOCAL: Rio de Janeiro
 DATA: 17/10/1982 AUTOR: Frederico Moraes
 TÍTULO: Pinturas de Aluísio Carvão, Evany Fanzeres e Cláudio Kuperman
 ASSUNTO: Homem Serpa tem seus trabalhos expostos junto com outros artistas, inclusive seus alunos, no MAM.

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORA

MATÉRIA E COR

17.10.82.
**Pinturas de Aluísio Carvão,
 Evany Fanzeres e Cláudio Kuperman**

A pintura domina o movimento da semana. Na terça-feira, três esplêndidas exposições estarão sendo inauguradas. São elas: a mostra dos trabalhos recentes de Evany Fanzeres (Museu de Arte Moderna), Cláudio Kuperman (Galeria Paulo Klabin) e Aluísio Carvão (Galeria Saramenha), este último, considerado, hoje, um dos mestres da cor na arte brasileira. No mesmo dia, o Solar Grandjean de Montigny (PUC) associa-se ao Museu Nacional de Belas Artes na comemoração do centenário de nascimento de Carlos Oswald, abrindo ao público uma exposição didática sobre o artista, responsável pela consolidação da gravura em metal no País.

HOJE

● Último dia para se visitar a exposição "Entre a mancha e a figura" no Museu de Arte Moderna. A mostra reúne 17 artistas, cujas obras representam duas vertentes da pintura que vem sendo produzida no Brasil, neste início de década, ou seja, as tendências neo-expressionistas e neo-informais. Dentre os participantes, estão Flávio de Carvalho, Ernesto de Fiori, Ivan Serpa e Iberê Camargo, precursores, e ainda Rubens Gerchman, Luiz Aquila, Cláudio Kuperman, Iwald Grاناتo, Barrão, Jorge Guinle, Carlos Alberto Fajardo e outros.

TERÇA, 19

● "Um alquimista da cor", assim Ferreira Gullar se referiu ao pintor Aluísio Carvão recentemente. De fato, desde os trabalhos realizados ao final dos anos 50, quando participou do grupo "Frente" e das primeiras exposições de arte neoconcreta, a pintura de Carvão vem se concentrando na qualidade sensível da cor e da matéria, na extrema simplificação formal. "O que lhe importa não é a figura, não é a cor enquanto cor de alguma coisa, mas a cor como coisa. Carvão quer nos mostrar o verde, o terra, o amarelo, o ocre, como fenômenos materiais em que a percepção se abisma. E para que nos abismemos nela, evita que se transforme em figura", diz ainda Gullar. Nascido em Belém (1920), Carvão fixou residência no Rio em 1947. Integra o movimento de artistas neoconcretos, em 1959, juntamente com Hélio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape, Franz Weissmann, Amílcar de Castro e outros mais. Nessa época, ao abandonar a rigidez ótico-concretista, passa a exprimir-se com formas geométricas, buscando maior integração da cor e da matéria. Apresenta-se na Exposição de Arte Neoconcreta do Rio e Salvador, na Exposição de Arte Concreta de Munique, em 1960, e na Konkrete Kunst de Zurique, no mesmo ano. Em 1965, realiza trabalhos tridimensionais, os sólidos "Cerne-cor" e "Cubo-cor" (segundo o artista, "dez quilos de cor prensados"). Quando, em 1976, expõe obras executadas com materiais já dispensados pelo uso, confere ao barbante e às tampinhas de garrafa uma realidade concreta, através de rigorosa ordenação formal e sugerindo alternativa tecnológica. O artista participou das Bienais de São Paulo e obteve o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro no Salão Nacional de Arte Moderna. Chamando a atenção para a coerência da trajetória artística de Aluísio Carvão, Vera Pedrosa, 1980, afirmou: "Por mais decantada que tenha sido sempre sua pintura, mesmo na fase do cromatismo puro, jamais se reduziu ao meramente esteti-



Newton Rezende, A Noiva e o Marinheiro, 1982



Cláudio Kuperman, óleo, 1980



Aluísio Carvão, pintura, 1980 na Galeria Saramenha

zante. Seu convívio com a cor é físico, íntimo. Em seu ateliê, pequenos potes cuidadosamente ordenados deixam ao tempo o trabalho de retirar da tinta seus excessos, suas impurezas, permitindo a gestação de uma matéria cromática seca e pura. Da cor, Carvão lida diretamente com a vibração e o mistério".

● A Galeria Paulo Klabin estará mostrando as pinturas de Cláudio Kuperman, realizadas entre 1979-1982 e ainda outras da série "Nas terras do sem-fim", essas últimas em pequeno formato. Paulista, residindo no Rio, Kuperman (1943) estudou gravura em metal e litografia com Marcelo Grassmann, Mario Gruber, Darel e Eduardo Sued, na Fundação Armando Alvares Penteado, em 1960. Bolsista do governo francês, fixou-se para Milão, retornando, em 1971, ao Brasil. Sobre sua estada na Europa, o próprio artista revelou o que foi: "Um período de intenso trabalho e convivência com o ambiente cultural", das regiões por que passou. As pinturas de então se transformaram em "objetos" e depois em grandes esculturas minimalistas, o que resultou em impasse e rarefação. "A volta ao Brasil, o convívio com a paisagem quente e sensual do Rio, o reatamento com suas bases emocionais, barrocas e mágicas, foram o estopim dessa mudança no trabalho. A nova pintura emergiu, a partir dos elementos da paisagem, indo além das preocupações figurativo-abstratas, mas percebidas integralmente com a pintura. Desde então, não se tratava mais de nenhuma forma de representação, mas da procura de um todo, aberto e expressivo, disparado pela própria ação existencial de pintar". Tendo partici-

pado da exposição "Entre a mancha e a figura", no Museu de Arte Moderna do Rio, Kuperman apresentou-se individualmente na Galeria São Paulo, no mês passado.

● Duas exposições serão inauguradas no MAM, ambas integrando o Projeto ABC/Arte Brasileira Contemporânea, programa desenvolvido em conjunto com a Funarte. São as individuais de Vauluizo Bezerra, artista baiano que se apresenta pela primeira vez no Rio, e de Evany Fanzeres. Ex-aluna de Aluísio Carvão, Evany estará apresentando um conjunto de suas pinturas recentes, de caráter geométrico e construtivo. Comentando a obra da artista, Paulo Herkenhoff afirmou em texto publicado, há pouco, na revista "Colóquio": "Há uma certa crítica, especialmente europeia que, reiteradamente, exige, com avidez, uma arte brasileira cheia de exotismos etnográficos e tropicais. Estes senhores são reminiscências vivas dos viajantes naturalistas do século XIX. Numa série de trabalhos da artista, alguns críticos alemães chegaram a ver coisas indígenas e tropicais". Mais adiante, analisando as ambivalências espaciais na pintura de Evany Fanzeres, o autor reconhece: "Sua obra corrói o olhar. Na teia de linhas e planos, repousa a inquisição: são côncavos ou convexos esses sólidos? Acidentes geométricos. Aqui é volume avançado/agora é retraído. Mapas de um território construtivo. Aqui é cristal pontiagudo, agora é cova. No mesmo lugar, no mesmo ângulo. E quase necessário tocar o quadro com a palma da mão, para decidir o relevo dessa superfície. O vidente tateia sobre a pintura Braille". A pintora passou um longo período

de estudos na Europa ao final dos anos 60. Reside atualmente no Rio. Expôs, há um ano, na Galeria Nuchy desta cidade.

● O Solar Grandjean de Montigny, juntamente com a Funarte, organizou uma exposição didática sobre o processo de trabalho de Carlos Oswald, cujas gravuras estão sendo apresentadas no Museu Nacional de Belas Artes. A mostra abrange esboços e estudos para painéis decorativos, frisos e murais para edifícios como o Palácio Tiradentes, Museu Histórico, Palácio Municipal. O Solar fica no campus da PUC.

QUARTA, 20

● A Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos apresenta a exposição de Alex Gama, João Milton e Sylvia Jambeiro, respectivamente apresentados por Carlos Martins, Maria de Lourdes Mader e Walmir Ayala. São xilogravuras e monotípias.

● No Clube dos Decoradores, será inaugurada a coletiva de três pintoras: Renalva, Sally e Zaira. Além do convite, nenhuma informação chegou a respeito da mostra.

OUTRAS EXPOSIÇÕES

● Aberta, semana passada, na Galeria Bonino, a exposição de Newton Rezende. Milôr Fernandes afirma no catálogo:

"Gostaria menos de escrever sobre o pintor e desenhista estranho e emocionante — hoje já nesse limbo especial dos mestres consagrados — e falar mais da pessoa física. Pois acho que sou dos raros amigos de Newton que o conheci quando ele era ainda criança, alegre e saltitante na sua magreza diáfana, espalhando a sua alegria em volta enquanto, nervoso, mas sempre brincando, procurava arrancar um peixe das águas do rio. Para ser mais exato, o Alto Araguaia, no ano passado. Olho os trabalhos de Newton, tão flagrantemente irônicos, mesmo quando retrata os destituídos da vida, e penso logo se essa ironia deixaria de funcionar quando vê seu trabalho verbalizado, sua composição semanticada, seu traço gramaticado, sua cor adverbizada".

● A Galeria Cláudio Gil organizou uma exposição coletiva, denominada "São Francisco de Assis — Ano 800". Participam da mostra: Bruno Giorgi, Mestre Expedito, Aldo Malagoli, Alcides Santos, Antônio Maia, Farnese de Andrade, Samico, Glauco Rodrigues, Fernando Lopes, Siron Franco, entre outros. A exposição ficará aberta até o próximo dia 25 de outubro.

INTERINO